

English As She is Spoke.

João Pedro Aido

English as She is Spoke., de Pedro Carolino (cf. Lugares Virtuais e Cânone Acidental), pode ser visto como monumento eterno à incompetência linguística (de um tradutor ou de um professor de didática) ou, numa perspectiva otimista, como um clássico de *nonsense*: estamos perante *uma língua nova que é uma língua morta*, uma língua que ninguém fala e que só se lê na medida em que se afasta de um território tranquilo e reconhecível. Os problemas colocados por esta obra são inúmeros, logo desde o título – e sem ser exaustivo: assim, qual a referência anafórica do pronome pessoal? “Spoke” é um erro gramatical ou uma gralha? Um esquecimento das regras, uma amnésia gramatical ou o obituario de uma língua? O ponto final no título significa que não é um título? Significa uma alegoria de um texto em que se pretende uma coisa (escrever um título; ensinar inglês a portugueses ou português a ingleses; fazê-lo com “scrupulous exactness” (p. 2, prefácio do autor); fazê-lo sem recorrer a uma tradução literal – “without to attach us selves (as make some others) almost at a literal translation”, *id.*, *ibid.* [sic]) e se faz outra, independentemente da intenção proclamada no prefácio pelo autor? Significa a primeira frase do resto do livro (e nesse sentido também não é bem um título)? É um defeito do fac-símile ou da fotocópia, uma gralha, uma mosca que ali pousou?

A mosca pode alegorizar a iterabilidade da escrita, a perda de controlo do que se escreve, a falsificação de um texto ou de uma assinatura. Podemos mesmo imaginar uma interpretação borgesiana em que Pedro Carolino tenha sido vítima de uma inacreditável sucessão de gralhas tipográficas, de modo que o verdadeiro autor desta tradução e o criador desta língua seria esse anónimo tipógrafo, verdadeira prosopopeia de todos os tradutores. Pedro Carolino fala *uma estranha língua materna estrangeira*. Uma língua em que o português não se distinguiria do inglês e em que qualquer texto escrito numa dessas línguas, i.e., na *mesma*, seria indistinguível: não haveria diferenças, tal como não parece haver diferenças no mundo deste autor, num mundo modelizado por essa língua perfeita impregnável por qualquer outra (mas “limpa de galicismos”, *id.*, p. 1) e no entanto sujeita à mais devastadora das pregnancies, das ‘fertilidades’, *et pour cause*, a de ser todas as outras (mesmo que o universo de elementos aqui se reduza a dois ou a três).

A revista em linha que inauguramos com este número histórico, que nos permitirá retomar a edição semestral (em papel um número, imaterial o outro), tem novas secções (como Ler Consigo, que ‘abre’ a leitura a alunos do 1.º ciclo em múltiplas direcções, respondendo à pergunta ‘o que fazer com este texto?’ com atividades que podem passar pela oralidade, pela escrita, pelo cinema, pela música e pela arte em geral – e por que não pela ciência?) e tem a tradução como fio de Ariana que liga os vários artigos e estudos – e Pedro Carolino como antonomasia dos problemas que podemos encontrar. Christian Puren, na entrevista, defende a modelização (“não há nada mais prático do que um bom modelo”) como um ‘objeto epistemologicamente intermédio’ entre a teoria (de uma didática) e a prática, sabendo-se que não é possível estabelecer-se uma ligação direta entre teoria e prática sem essa mediação de modelos. Deste ponto de vista, não há exemplos de boas práticas (em abstrato), porque quanto mais concretos forem,

menos transferíveis são – e cabe ao professor, em cada contexto, escolher as combinações e *articulações* mais adequadas. Vitória de Sousa, num artigo-reflexão sobre a planificação de atividades, responde indiretamente a Puren e mostra como esses objetos epistemologicamente intermédios são complexos e como precisou de ‘reivindicar’ uma liberdade crítica individual para não se submeter a “orientações didáticas ‘ditatoriais’ e modas pedagógicas” que lhe roubassem o gosto de ensinar. Pedro Marques propõe uma sequência didática para trabalhar a utilização correta de tempos verbais como ferramentas de coesão e coerência textual a partir de um excerto do romance *Dicionário Breve de Chinês-Inglês para Amantes*, da escritora Xiaolu Guo. Naseema Saiyad analisa os contos tradicionais multiculturais como ponto de encontro de várias línguas e culturas e Anabela Ferreira discute os problemas de tradução colocados por um livro de Pellegrino Artusi que é, “ao mesmo tempo, um romance, uma enciclopédia, um livro de receitas, um manual de botânica, química e física” – e que certamente poderá ser lido em intertextualidade com as propostas de “Eatings.” apresentadas por Pedro Carolino, ainda que estas incluam ‘variedades’ tão absurdas como “Some wigs” ou “A little mine” (*id.*, p. 9 [sic]). Alexandre Dias Pinto discute justamente os problemas de tradução de um texto absurdo do criador dos *limericks*, Edward Lear, e avalia os principais critérios e opções seguidos pelos tradutores, que procuraram “recriar os efeitos rítmicos, estilísticos e jocosos” dos versos de Lear na nossa língua. Celeste Simões analisa a tradução portuguesa da obra *Little Red - A Fizzingly Good Yarn*, da escritora inglesa Lynn Roberts, e procura aferir se essa versão salvaguarda as referências culturais mais relevantes – daí a discussão, por exemplo, em torno de cerveja de gengibre e de vinho tinto, ainda que Pedro Carolino tivesse certamente preferido “paltry wine” (*id.*, p. 10 [sic]).

Maria Filomena Molder (cf. *Cânone Acidental*) mostra que no caso das traduções os *problemas ficam sempre por resolver*, ainda que haja, por vezes, como no exemplo da tradução de Gáetan de um poema de Rimbaud, os “casos de uma quase irrespirável adequação”. Hermann Broch (cf. *Tempo de Ler*) mostra, por sua vez, como uma alegoria não é conhecimento e “fica diante dele, encobrindo-o como um biombo escuro” (Broch (1987). *A Morte de Virgílio*. Lisboa: Relógio d’Água, vol. II, p. 108). Do mesmo modo, a tradução também encobre o sentido do original, como um mal inevitável – o “mal da alma humana encarcerada, para a qual toda libertação é apenas novo encarceramento (Broch, 1987, vol. I, p. 97).

Molder fala em “adequação”, Broch em *libertação pelo aprisionamento*. Mas o falhanço de Pedro Carolino, em *English as She is Spoke.*, é uma alegoria da situação em que não há (mais) diferenças, em que tudo se confunde, em que não há correspondências, nem no interior da “língua”, nem entre a “língua” e as “coisas”, em que só há *aspas e aspas de aspás*. Há em Carolino um trabalho de tradução literal que leva ao limite a teoria benjaminiana: prolongar a vida do original tornando incómoda e estranha a língua materna, *provocando* uma diferença em que a vida e a morte se confundem, *provocando uma diferença pela anulação das diferenças*. É isso a morte, diz Broch em *A Morte de Virgílio*:

“É só na alegoria que se pode captar a vida, só na alegoria se exprime a alegoria; infinita é a cadeia de alegorias, e sem alegoria é apenas a morte, em direção à qual ela se estende” (Broch, 1987, vol. II, p. 140).

em linha 1-2018

Pa
la
revista
Palavras
vras